



1. Introdução; 2. Pré-história - conceitualização; 3. A evolução humana; 4. Retrospectiva paleontológica; 5. Estágios culturais da evolução humana; 6. O homem fossil brasileiro; 7. O Brasil pré-histórico; 8. O Brasil pré-histórico - o resgate e da necessidade de preservação de nossos sítios arqueológicos; 9. Anexos: 01 - Relação dos sítios arqueológicos da região; 02 - Glossário.

OCUPAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DO OESTE CATARINENSE*

Hilda Beatriz Dmitruk Ortiz

INTRODUÇÃO

Duas razões principais motivaram esta revisão bibliográfica. Em primeiro lugar, a tentativa de levantar dados que permitissem esboçar um quadro do início da ocupação humana na região oeste-leste. Esta tarefa impôs como requisito prévio contextualizar a Pré-História regional dentro do panorama pré-histórico mundial e nacional. Neste empreendimento, uma das dificuldades mais sérias com que nos deparamos foram as fontes bibliográficas incompletas ou pouco atualizadas e sobretudo a carência de dados conclusivos e recentes. A pesquisa pré-histórica tem, em linhas gerais, progredido pouco no Brasil. Falta-lhe recursos financeiros e humanos que possibilitem os necessários estudos sistemáticos. O panorama da Arqueologia Pré-histórica Brasileira registra, na desoladora maioria dos casos, "trabalhos de salvaguarda do material arqueológico" (BECK, 1968, p.77). Neste contexto, a situação dos estudos da pré-história catarinense revela-se similar, com destaque às pesquisas do Prof. Walter PLAZZA, do Prof. Annamaria BECK e do Dr. ROHR. A nível estritamente regional, cabe ressaltar a experiência oferecida pela SLETRÓSUL que, em função do Projeto Uruguai de Integração de História da UNOESC - Campinas, realizou um trabalho de campo em direção ao rio Uruguai.

*Artigo publicado nos Cadernos do CEOM, v. 2, n. 2 (1987) e reeditado no v. 4 (1989)

OCUPAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DO
OESTE CATARINENSE*

Hilda Beatriz Dmitruk Ortiz

Professora do curso de História da UNOESC - Chapecó. Mestre em
Educação - Ensino Superior - FURB (1994)



1. Introdução;
2. Pré-história - conceituação;
3. A evolução humana;
4. Retrospectiva paleontológica;
5. Estágios culturais da evolução humana;
6. O homem fóssil americano;
7. A origem do homem e das civilizações americanas;
8. Considerações preliminares acerca da história catarinense;
9. As culturas pré-históricas na região oeste de Santa Catarina;
10. Do resgate e da necessidade de preservação de nossos sítios arqueológicos;
11. Referências Bibliográficas;
12. Anexos: 01- Relação dos sítios arqueológicos da região, 02 - Glossário.

INTRODUÇÃO

Duas razões principais nortearam esta revisão bibliográfica. Em primeiro lugar, a tentativa de levantar dados que permitissem esboçar um quadro do início da ocupação humana na região oeste. Esta tarefa impôs como requisito prévio contextualizar a Pré-História regional dentro do panorama pré-histórico mundial e nacional. Neste empreendimento, uma das dificuldades mais sérias com que nos defrontamos foram as fontes bibliográficas incompletas ou pouco atualizadas e sobretudo a carência de dados conclusivos a respeito. A pesquisa pré-histórica tem, em linhas gerais, progredido pouco no Brasil. Faltam-lhe recursos financeiros e humanos que possibilitem os necessários estudos sistemáticos. O panorama da Arqueologia Pré-histórica Brasileira registra, na desoladora maioria dos casos, "trabalhos de salvação do material arqueológico" (BECK, 1968, p.77). Neste contexto, a situação dos estudos da pré-história catarinense revela-se similar, com destaque às pesquisas do Prof. Walter PIAZZA, da Prof^a Annamaria BECK e as do Pe. ROHR. A nível estritamente regional, cabe ressaltar a experiência efetuada pela ELETROSUL que, em função do Projeto Uruguai, de construção de barragens, conveniou uma equipe de antropólogos da UFSC para, entre outros objetivos, desenvolver pesquisas arqueológicas sistemáticas na bacia do rio Uruguai.

As conclusões dos primeiros relatórios, frutos desse convênio, e os dados das pesquisas arqueológicas realizadas até o início dos anos 90, especialmente as do Pe. ROHR, oferecem dados interessantes a respeito dos primeiros povoados da região, que precisam ser conhecidos para evidenciar a existência das culturas que ocuparam o espaço regional antes da conquista européia.

Esta primeira razão ainda está intimamente relacionada com um dos objetivos fundamentais do Centro de Memória Sócio-Cultural, qual seja, o de possibilitar o aproveitamento, a nível escolar e extra-escolar, da alocação, mesmo que preliminar, das fontes que permitem retratar o processo histórico regional.

A segunda motivação decorre da preocupação pela falta de consciência que se constata em relação ao imenso valor histórico que encerram os sítios arqueológicos regionais (os já mapeados e os por mapear), e a intenção de divulgá-los para contribuir com a sua própria preservação (ver Anexo 01). Por outra parte, cientes de que a terminologia específica, aqui utilizada, dificultaria a compreensão do leitor, incluímos, ao final desta síntese, um glossário (ver Anexo 02).

2. PRÉ-HISTÓRIA - Conceituação

Antes mesmo da tentativa de esboçar a Pré-História estadual, necessário se faz analisar e delimitar o próprio termo "Pré-História".

Uma primeira consideração necessária refere-se à artificial e polêmica divisão que se costuma fazer entre História e Pré-História, visto que o processo histórico como um todo constitui-se no objeto de estudo da ciência histórica.

*Em segundo lugar, pode-se dizer também que a palavra "Pré-História" dá margem a confusões, uma vez que designa, tanto um período da história da humanidade - o anterior à história baseada em textos - , como também uma ciência que têm: como objetivo, o conhecimento das épocas pré-históricas; como problema, a reconstituição das etapas da humanidade pré-histórica; como método, a arqueologia, a antropologia e paleontologia (LAMING-EMPERAIRE, 1968).

A Pré-História constitui-se num campo do saber histórico, pois enceta o conhecimento do passado humano onde cessa a história registrada. O termo encontra-se tão difundido que é difícil prescindir dele. História e Pré-História complementam a reconstrução do desenvolvimento humano, diferindo quanto à época abordada, às fontes documentais (no segundo caso, de cunho arqueológico) e aos métodos de reconstrução adotados. Ambas, porém, procuram visualizar o modo de vida de um povo que viveu em épocas diferentes, tentando explicar o processo de transição de um período para outro.

Pela sua própria natureza, a Pré-História não é, nem será uma ciência exata. Os métodos de datação ainda oferecem grandes margens de erros e muitos dos artefatos produzidos pelo homem, que permitiriam uma reconstituição mais aproximada, por serem confeccionados em material perecível (madeira, couro, etc.), perderam-se para sempre.

O período que a Pré-História objetiva estudar é vastíssimo. Enquanto a História abrange o estudo de sociedades, cuja documentação escrita remonta-se no máximo a sete mil anos atrás, a Pré-História pretende abarcar a época onde o desenvolvimento humano parece ter começado, é dizer, aproximadamente, há dois milhões de anos (TRIGGER, 1973).

No presente trabalho, parte-se do pressuposto de que a pesquisa Pré-histórica Catarinense procura determinar quais foram as culturas extintas do estado e identificar os grupos humanos que aqui habitavam quando da chegada do conquistador europeu; bem como, determinar o conteúdo de suas culturas, definir sua origem, difusão e suas relações com outras culturas no tempo e no espaço.

Assim, com todas as limitações da Pré-história geral, acrescidas pelas dificuldades que enfrenta a pré-história regional em particular, poder-se-ia dizer que, com os dados bibliográficos disponíveis, procuraremos responder, a nível da pré-história regional, algumas dessas interrogações.

3. A EVOLUÇÃO HUMANA

A evolução do homem através dos tempos foi lenta. Milhões e milhões de anos se passaram até que, em decorrência de uma série de mutações na escala animal, surgiram os primitivos homídeos. Embora os dados fósseis até agora sejam insuficientes, não se duvida mais que o homem tenha evoluído de um ancestral comum aos antigos primatas (MARCONI & PRESOTTO, 1985).

A questão que se mantém pendente é a de quais foram os fatores determinantes na transformação de um grupo de antropóides em homídeos.

Engels forneceu uma explicação científica do fenômeno de hominização, argumentando que o fator principal neste processo foi o trabalho: "o trabalho criou o próprio homem". (Engels apud DIAKOV & KOVALEV, 1985, p.22). Pela fabricação intencional dos instrumentos, os membros anteriores diferenciam-se dos membros posteriores, desenvolvem-se as mãos, consolida-se a necessidade de caminhar ereto, ao passo que se favorece ao desenvolvimento da laringe e das cordas vocais e o aumento do volume do cérebro. Segundo DIAKOV e KOVALEV (1985, p.23), "o estudo de ossadas de homens fósseis mostra que a diferenciação dos membros precede a evolução do crânio, o que confirma claramente a idéia de Engels sobre o papel do trabalho no aparecimento do homem".

Atualmente, existem modelos alternativos para explicar o fenômeno da hominização. Alguns deles abandonam a tese da necessidade de fabricação de instrumentos como determinante de postura ereta, associando-a a "aspectos do comportamento sócio-sexual e a fatores demográficos" (CIÊNCIA HOJE, 1988, p.49). De tal sorte que invoca-se, como uma das hipóteses, a aptidão estratégica de maior relacionamento sexual desenvolvida pela fêmeas, o que atraiu os machos junto a elas e sua prole. "A necessidade de carregar alimentos com as mãos para dividi-los com parentes diretos é que teria tomado a postura bípede adaptativa, há cerca de cinco milhões de anos"(Idem, Ibidem). Em verdade, é difícil conseguir provas a respeito das causas seletivas específicas que

provocaram o processo de diferenciação biológica. Admite-se, no entanto, que a postura ereta foi adquirida muito antes da feitura de instrumentos.

Por outro lado, graças aos estudos paleontológicos, presume-se que os homídeos mais antigos pertencem ao gênero *Australopithecus*, descobertos pela primeira vez por Dart em 1924, na África (com uma antiguidade de, mais ou menos, 1,6 milhões de anos). Estes pré-homídeos teriam surgido há cerca de cinco milhões de anos, no Pleistoceno, a partir dos macacos ou antropóides (CIÊNCIA HOJE, 1985). Fósseis destes precursores da espécie humana, também têm sido encontrados na Ásia (Java e China) com uma antiguidade mais recente, ultrapassando os 900 mil anos; junto aos seus restos acham-se “os mais antigos artefatos líticos conhecidos”. (MENDES, 1977, p. 285). Este tipo perdurou até o aparecimento do *Homo erectus*, na África, pertencente já ao gênero *Homo*. A primeira descoberta desta espécie extinta de *H. erectus*, data de 1892, quando Eugene Dubois, achou seus restos em Java (Ásia). O “homem de Pekim”, descoberto na China, em 1927, por Davidson Black é, atualmente, considerado uma subespécie de *H. erectus*. Esta espécie fabricou artefatos líticos mais bem elaborados e conhecia o uso do fogo; presume-se que a descoberta do fogo date de aproximadamente de, + 400 mil anos.

O chamado “Homem de Neanderthal” (Rep. Fed. da Alemanha) é posterior, com uma antiguidade de 120 mil anos. A tendência em paleontologia é considerá-lo uma subespécie do *Homo sapiens*. Existiu durante quase 100 mil anos, distribuiu-se pela Europa e Oriente Próximo e extinguiu-se há cerca de 30 mil anos (CIÊNCIA HOJE, 1988). Nessa época, começaram a surgir homens idênticos aos atuais. Seus vestígios são classificados como *Homo sapiens sapiens* e imputados a raças extintas como as de Cro-Magnon, Chancelade e Grimaldi. Estas raças representariam o protótipo dos três grandes grupos raciais conhecidos: os brancos, os asiáticos e os negros respectivamente. (MARCONI & PRESOTTO, 1985).

No fenômeno da humanização, a maioria dos paleontólogos aceita a descendência vertical: *Australopithecus* - *Homo erectus* (Pitecantropus, Homem de Java, Homem de Pekim) *Homo sapiens*. (homem de Neanderthal) - *Homo sapiens sapiens* (Cro-Magnon -

Chancelade-Grimaldi).

O **Homo sapiens** tinha uma tecnologia avançada, desenvolveu a arte rupestre (pinturas coloridas nas cavernas) e a indústria de lascas. Quando as glaciações terminam, os seres humanos se transformam em coletores e caçadores de animais de médio e pequeno porte.

Assim sendo, o homem atual (*H. sapiens sapiens*) deve ter uma existência de pouco mais de 20 mil anos.

Por outra parte pelo documentário paleontológico até o presente alocado, tudo leva a supor que o berço da humanidade foi a África onde surgiu o *H. erectus*. Porém, como especulam certos autores, este berço possui rodas, pois, não é improvável que, no futuro, novas investigações permitam encontrar formas ancestrais mais antigas que as achadas na África.

4. RETROSPECTIVA PALEONTOLÓGICA

Os métodos de datação radiométricos calculam a idade geológica da terra em mais de 4,5 milhões de anos e possibilitam dividir o tempo geológico e correlacioná-lo com o aparecimento do homem, como pode ser observado a seguir.

RETROSPECTIVA PALEONTOLÓGICA (desde os antigos primatas)				
ERAS	PERÍODOS (duração em milhões de anos)	EPOCAS GEOLÓGICAS	EPOCAS CULTURAIS	HOMO
		Holoceno (10.000 anos ou) RECENTE	Neolítico	Homem
Cenozóica (63) "vida nova"	Quaternário (2,5)	Pleistoceno (1)	Mesolítico Paleolit. Sup.	Homo sapi- ens sapiens
			Paleolit. Méd	Homo sapi- ens
			Paleolit. Inf.	Homo erectus

continua

Terciária (60,5)	Plioceno (10,5) Mioceno (12) Oligoceno (11) Eoceno (22) Paleoceno (5)	Macacos Antropóides
------------------	---	------------------------

Adaptação: MENDES (1977) e MARCONI & PRESSOTTO (1985)

5. ESTÁGIOS CULTURAIS DA EVOLUÇÃO HUMANA

No Período Quaternário, a época Pleistocênica testemunhou a evolução física e cultural do homem (evolução bio-cultural da humanidade).

O desenvolvimento cultural pode ser avaliado pela presença de utensílios (artefatos) manufaturados associados a numerosas evidências fósseis. As provas concretas da crescente complexidade cultural pertencem ao Paleolítico (Paleo, antiga: lítico, pedra), ao Mesolítico (meso, média; lítico, pedra) e ao Neolítico (Pedra Nova, Polida).

Estas idades culturais, tomando por base MARCONI & PRESOTTO (1985), podem ser caracterizadas, sumariamente, da seguinte forma:

a) **Paleolítica.** (de 1 milhão a 150.000 anos). Divide-se em Inferior, Médio e Superior. O Inferior corresponde aos primeiros homídeos (*Australopithecus*, *Homo erectus*). Sua indústria lítica era bem rudimentar; predadores da natureza, coletavam vegetais e caçavam animais. O Paleolítico Médio (de 150.000 a 40.000 anos) corresponde à presença do *Homo sapiens* na Europa. Este homem vivia da coleta e da caça, porém a sua tecnologia era bem mais aperfeiçoada (bifacial -pedra lascada dos dois lados), morava em cavernas, praticando o sepultamento de seus mortos. O Paleolítico Superior (de 40.000 a 12.000 anos) representa um salto de qualidade significativa no desenvolvimento cultural humano. O homem deste período é o *sapiens sapiens*. Seus instrumentos derivam de

técnicas mais complexas (artefatos de sílex e de osso), surgem as primeiras manifestações artísticas (pintura rupestre, escultura e modelagem) e religiosas propriamente ditas.

b) **Mesolítica:** (12.000 a 10.000 anos). Período intermediário em que o homem se prepara para a passagem de predador a produtor de alimentos (MARCONI & PRESOTTO, 1985). Conheciam o arco e a flecha, o anzol, o arpão, a rede, a roda e a canoa. Em algumas regiões, o homem deste período construiu as palafitas (casas sobre estacas em cima de lagos).

c) **Neolítica:** (10.000 a.C.) Esta época corresponde já ao Holoceno ou Recente, estende-se até a Proto-História Européia ou Idade dos Metais (mais ou menos, 4.500 a.C.). Caracterização e a formação de grandes aldeias. Inauguram-se novas técnicas de confecção dos instrumentos líticos através do polimento e da decoração. Neste período, há 7 ou 8 mil anos a.C., aparece a cerâmica.

O esquema tradicional de classificação dos estágios culturais da humanidade, acima sintetizado, baseia-se na matéria-prima empregada para a fabricação dos utensílios ou nas tradições técnicas, desde a perspectiva pré-histórica européia.

Como oportunamente, levanta o arqueólogo francês LAMING-EMPERAIRE (1968), é absurdo, no atual nível de conhecimento, que a pré-história européia continue sendo tomada como representante do conjunto mundial. Por estas razões, cabe registrar aqui a existência de esquemas mais completos, cujo ponto de referência específico são as copiosas informações etnográficas e arqueológicas obtidas dos primitivos povos da América.

Esquemas conceituais melhor formulados, na medida em que partem das especificidades americanas, aparecem em numerosos trabalhos modernos. Merece destaque aqui o esforço realizado pelo antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro, do qual falaremos mais adiante, ao abordar a problemática das civilizações americanas.

6. O HOMEM FÓSSIL AMERICANO

O consenso entre os estudiosos faz considerar como realmente improvável a possibilidade do homem ter-se originado na América. Os restos humanos mais antigos até o presente conhecidos, são referidos ao *Homo sapiens* (MENDES, 1977) e, datação pelo Carbono 14 revela que a presença do homem aqui é mais recente que noutros continentes. (BORGES, 1968; CANALS FRAU, 1973; MENDES, 1977; GUEGLIELMO, 1991).

Os fósseis humanos achados não pertencem apenas ao tipo de homem “moderno”. Existiram homens paleolíticos na América: este ponto existe acordo entre os autores. A pré-história paleolítica americana é ainda pouco conhecida. Mesmo sem ter, até o momento, provas conclusivas, considera-se que a antiguidade do homem americano é de cerca de 40 mil anos na América do Norte (Lewisville, Texas) e de 16 mil anos na América do Sul, em Muaco, Venezuela. (Ver mapa 01).

No Brasil, o sítio arqueológico mais antigo registrado (14 mil anos) era a jazida do município de Rio Claro, em São Paulo (Mendes, 1977). Nos primeiros anos da década de 80, efetuou-se uma importante descoberta em São Raimundo Nonato, Piauí, que faria recuar esta data a 35 mil anos. Porém, em ambos os casos não foram encontradas ossadas humanas. Escavações mais recentes (1987), realizadas na Bahia pela equipe da arqueóloga Maria da Conceição Beltrão, embasam sua hipótese de que o homem habitou as Américas centenas de milhares de anos atrás, primeiro na região amazônica, para depois alcançar os Andes. Nas grutas dessa importante área arqueológica encontram-se vestígios de fauna extinta e de fogueiras. A arqueóloga mencionada espera descobrir, em pouco tempo, ossadas humanas que comprovem sua teoria de que o homem pré-histórico habitava a região há mais de 300 mil anos. (PERSPECTIVAS UNIVERSITÁRIA, 1987; CIÊNCIA HOJE, 1988).

“Outro achado intrigante é o da Dra. Niede Guidon, no sudoeste do estado do Piauí, de ferramentas de quartzo com 31.500 anos. Essas descobertas recentes obrigarão os cientistas a rever toda a reconstituição da pré-história americana”. (GUEGLIERMO, 1991, p. 49)

As últimas descobertas renovam o interesse, inclusive a nível internacional, pela Pré-História Brasileira e abrem novas polêmicas em torno da antiguidade do homem fóssil americano.

Não obstante isso, as testemunhas fósseis do homem no Brasil, até o momento constatadas, continuam sendo os vestígios do chamado Homem de Lagoa Santa (Minas Gerais) descobertos em 1840, por Peter G. Lund. Suas ossadas associadas a artefatos, datam aproximadamente 10 mil anos. MENDES (1977) e MARCONI & PRESOTTO (1985), assinalam que os esqueletos humanos pré-históricos do Brasil são todos pertencentes ao Holocênico ou Recente e procedem das grutas da região de Lagoa Santa ou do "sambaquis" do litoral brasileiro.

A antiguidade maior é constituída pelos ocupantes do interior, já que os ocupantes mais antigos do litoral, representados pelo Sambaqui de São Paulo, possuem datação de 7.000 anos atrás e os restantes, até agora localizados, têm no máximo 5.000 mil anos. Apenas nos "Sambaquis" mais recentes - desta era - encontram-se artefatos de pedra polida, além dos fabricados em osso e conchas. Enquanto que a cerâmica no Brasil é um manifestação cultural bem mais recente.

7. A ORIGEM DO HOMEM E DAS CIVILIZAÇÕES AMERICANAS

Quais foram os primeiros habitantes da América? Teriam eles surgido, e desenvolvido neste chão? Ou, então, de onde eles vieram? Essas perguntas começaram a ser formuladas a partir da descoberta do continente americano e a discussão em torno das possíveis respostas, ainda continua.

As teorias a respeito, além de numerosas e antigas, são contraditórias. De fato, quando Colombo descobriu a América, ele e seus acompanhantes ficaram surpresos de que não existissem referências, na Bíblia ou em outros escritos, sobre a nova humanidade encontrada. Supuseram, erradamente, que fossem habitantes das Índias e os denominaram então de "índios". A expressão "índios" utilizada até o presente, como bem assinalou RAMOS (1943, p. 27) ficou como "um

símbolo de ignorância sobre a origem dos habitantes do Novo Mundo “.

1) **Teorias pré-científicas** - A literatura acerca de teorias deste tipo é volumosa. Explicam o homem americano: a) como sendo habitante de lendários continentes desaparecidos (Atlântida, Lemúria, Antártida, etc.); b) tomando por base os escritos bíblicos, como sendo descendente dos filhos e netos de Noé ou das tribos de Israel. Estas teorias, como o próprio nome indica, foram o produto de raciocínios sem base científica alguma. A título de exemplo, pode-se mencionar a grande lista de autores (P. Las Casas, P. Gregório Garcia, etc.) que, extravagantemente, defenderam uma origem israelita para os habitantes americanos, somente pelo fato de não reconhecerem Jesus Cristo!

2) **Teorias Modernas** - Pertencem a este século, pois, as do século XIX, apesar de melhor concebidas, em decorrência da divulgação das teorias evolucionistas de Lamarck e Darwin, foram prejudicadas por preconceitos de origem religiosa ou filosófica. As teorias modernas debatem-se entre as hipóteses monogenistas (o homem teria se originado num só lugar), e as poligenistas (haveria vários locais de hominização). Com relação à origem do homem americano, estas teorias, dividem-se em autóctones (nativos) e alóctones (alienígenas ou não-autóctones). Ambas subdividem-se em monogenistas ou poligenistas, quer dizer, tanto o autoctonismo como o aloctonismo podem admitir origem única ou origem múltipla.

O precursor do autoctonismo monogenista foi o paleontólogo argentino Florentino Ameghino (1854-1911) para quem o berço da humanidade foi a Patagônia, onde teria surgido (o homem) no período terciário. Vários estudiosos aderiram a essa hipótese, inclusive os que divulgaram a “Raça da Lagoa Santa”- Brasil, a qual já mencionamos. Hoje em dia, esta tese está abandonada (CANALS FRAU, 1973; MENDES, 1977; PIAZZA, 1983).

Atualmente, possuem bases científicas mais sólidas as teorias alóctones. Do grupo que sustenta o aloctonismo monogenista destaca-se Alex Hrdlicka (1869-1934) que afirmava que os americanos pertenceriam a uma única raça de origem mongólica que, vinda da Ásia Oriental teria ingressado no continente pelo estreito de Bering, quando este se

encontrava seco.

Do grupo que defende o aloctonismo poligenista, sobressai Paul Rivet (1960) cujas teorias têm sido as mais aceitas do mundo científico. A partir dos numerosos paralelismos etnográficos, constatados, Rivet citado por CANALS FRAU (1973); MARCONI & PRESOTTO, (1985) argumenta que existiram quatro migrações para América, (como pode ser observado no mapa 01):

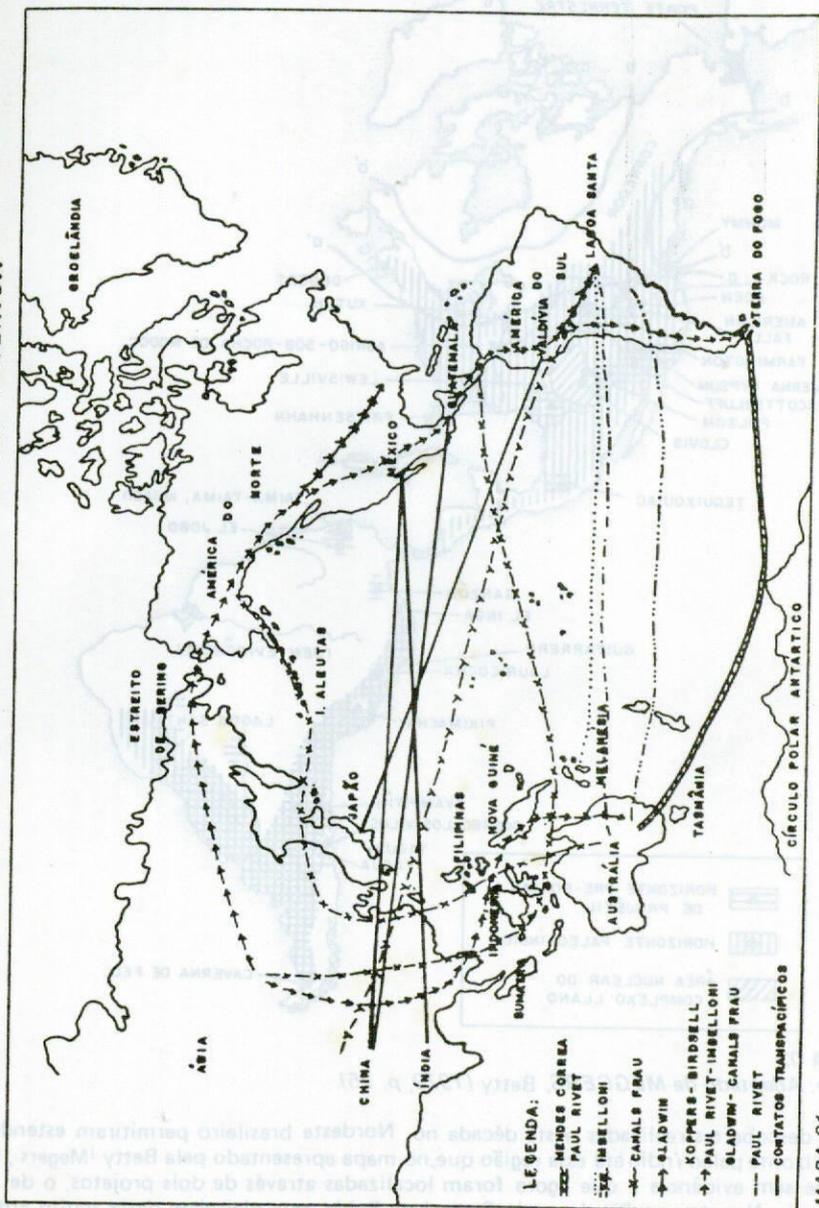
- 1º) Australiana através da Antártida e Terra de Fogo (Patagones);
- 2º) Malaio-polinésia através do Oceano Pacífico (originaram o homem da Lagoa Santa);
- 3º) Mongólica através do Estreito de Bering (originaram os tipos centro-americanos e ando-peruanos);
- 4º) Esquimó, através do estreito de Bering, último grupo a povoar a América. (CANALS FRAU, 1973; MARCONI & PRESOTTO, 1985).

Estima-se hoje que os primeiros homens teriam chegado à América no final do Paleolítico Superior e que a fase de peregrinação e interiorização em direção ao Atlântico teria acontecido no início do Neolítico (THOMÉ, 1981).

Na pré-história do Novo Mundo, a arqueóloga americana Betty MEGGERS (1979) sustenta que podem ser visualizados dois horizontes: o horizonte Pré-Pontas de Projétil, representado pelos sítios arqueológicos que carecem de pontas de projétil, mas apresentam abundância de outros artefatos líticos mais toscos e o horizonte Paleo-índio (ver mapa 02). Este último horizonte de uma antiguidade menor que o primeiro (datado cerca de 10 mil anos atrás), corresponderia a grupos caçadores de grandes animais (cavalo, espécies extintas de visão, etc.) e, seus artefatos característicos são as pontas de projétil. Alguns autores consideram os paleo-índios como sendo os primeiros imigrantes da América.

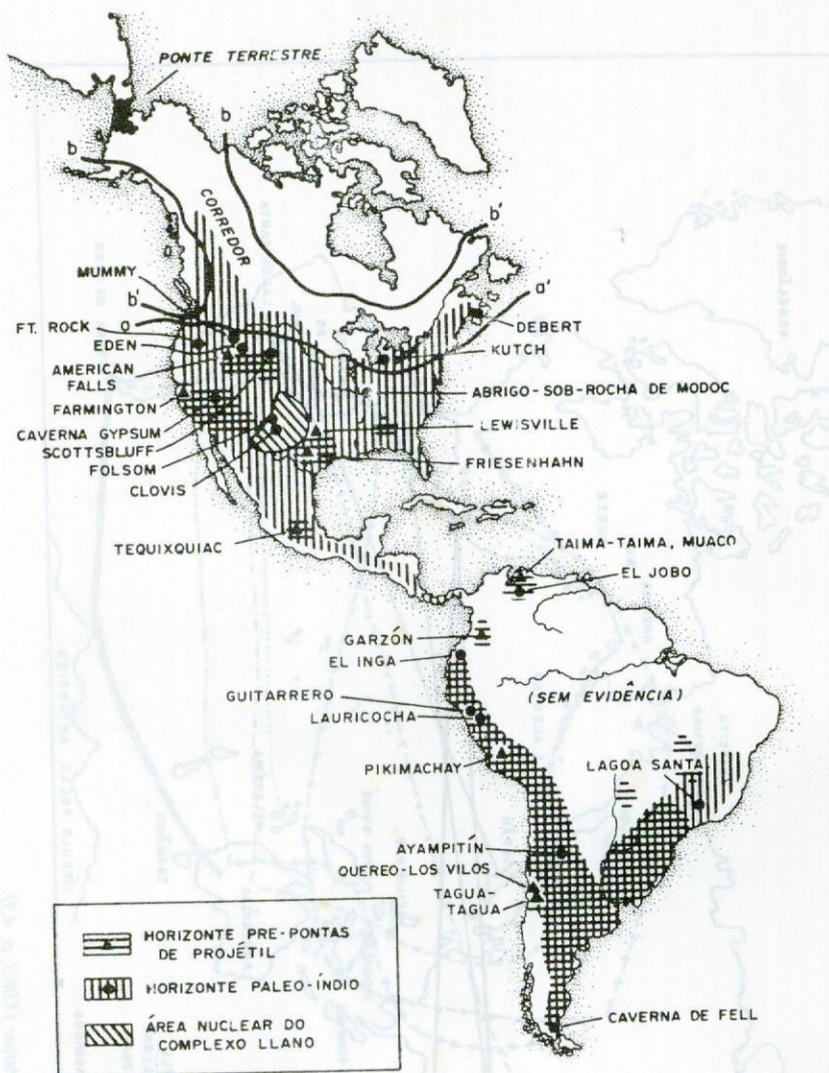
A controvérsia sobre o povoamento original da América ainda existe. Porém, na atualidade, até a obtenção de provas arqueológicas inequívocas, continua fora de cogitação a possibilidade de que o homem americano seja autóctone. Este polêmico assunto liga-se intimamente com a questão da própria evolução das civilizações indígenas americanas. As opiniões a respeito também estão divididas. As numerosas e notáveis

TEORIAS REFERENTES AO POVOAMENTO DA AMÉRICA



MAPA 01

Fonte: PIJAZZA, Walter (1983, p. 43).



MAPA 02

Fonte: Adaptado de MEGGERS, Betty (1979, p. 25).

* As descobertas realizadas nesta década no Nordeste brasileiro permitiram estender o horizonte paleo-índio até essa região que, no mapa apresentado pela Betty Meggers, aparece sem evidência e que agora foram localizadas através de dois projetos, o de Raimundo Nonato, no Piauí e o de Central na Bahia, que pleiteiam datas muito antigas de povoamento para o Nordeste brasileiro (Ciência Hoje, Schmitz, 1988).

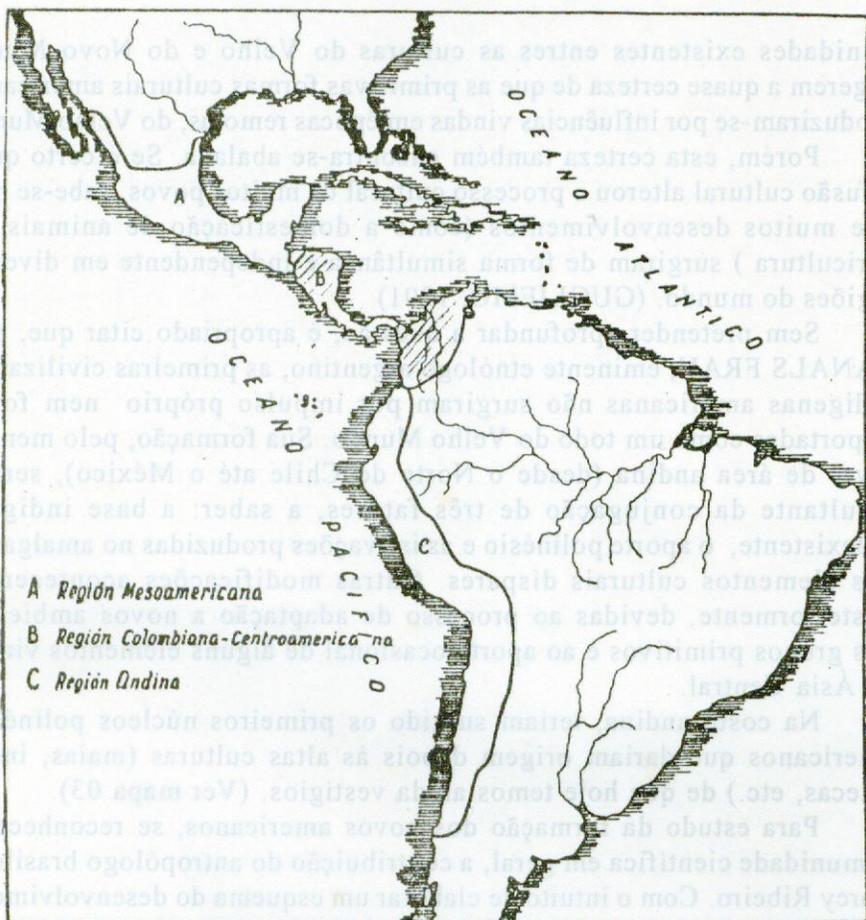
afinidades existentes entre as culturas do Velho e do Novo Mundo sugerem a quase certeza de que as primitivas formas culturais americanas, produziram-se por influências vindas em épocas remotas, do Velho Mundo.

Porém, esta certeza também encontra-se abalada. Se é certo que a difusão cultural alterou o processo cultural de muitos povos, sabe-se hoje que muitos desenvolvimentos (como a domesticação de animais e a agricultura) surgiram de forma simultânea e independente em diversas regiões do mundo. (GUGLIEMO, 1991)

Sem pretender aprofundar a questão, é apropriado citar que, para CANALS FRAU, eminente etnólogo argentino, as primeiras civilizações indígenas americanas não surgiram por impulso próprio nem foram importadas como um todo do Velho Mundo. Sua formação, pelo menos a nível de área andina (desde o Norte do Chile até o México), seria a resultante da conjugação de três fatores, a saber: a base indígena preexistente, o aporte polinésio e as inovações produzidas no amalgamar dos elementos culturais díspares. Outras modificações aconteceram, posteriormente, devidas ao processo de adaptação a novos ambientes dos grupos primitivos e ao aporte ocasional de alguns elementos vindos da Ásia Central.

Na costa andina, teriam surgido os primeiros núcleos polinésio-americanos que dariam origem depois às altas culturas (maias, incas, astecas, etc.) de que hoje temos ainda vestígios. (Ver mapa 03).

Para estudo da formação dos povos americanos, se reconhece na comunidade científica em geral, a contribuição do antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro. Com o intuito de elaborar um esquema do desenvolvimento das civilizações americanas, RIBEIRO (1979) procedeu à revisão crítica das diversas teorias da evolução tecnológica, social e ideológica das diferentes sociedades humanas dos últimos dez mil anos. Desta forma, o processo de desenvolvimento humano foi concebido como desdobrado em várias etapas correspondentes ao desencadeamento de sucessivas revoluções tecnológicas (agrícola, urbana, do regadio , metalúrgica, pastoril, mercantil, industrial e termonuclear) cujos efeitos se propagam através de um ou mais processos civilizatórios (Conforme pode ser observado no quadro da página 35).



MAPA 03 – Área de dispersão das Civilizações Americanas.

Fente: CANALS FRAU (1973, p. 20).

- Nota: A– Região Mesoamericana: territórios dominados pelas altas culturas de México e América Central.
- B– Região Colombiana–Centroamericana: todos os territórios situados entre o limite meridional de Mesoamérica e o norte da região andina, povoadas por culturas médias.
- C– Região Andina: território da região dos Andes, onde se estabeleceu o Império Incaico.

O conjunto destas três regiões denominam-se de América Nuclear.

REVOLUÇÕES TECNOLÓGICAS - CARACTERIZAÇÃO

REVOLUÇÕES AGRÍCOLA	REVOLUÇÃO URBANA	REVOLUÇÃO DO REGADIO	REVOLUÇÃO METALÚRGICA	REVOLUÇÃO PASTORIL
Lavoura Pastoreiro Cestaria Teceragem Cerâmica	Arados Veículos de Roda Tração Animal Regadio	Comportas e Canais Adubação Estradas Azulejo Tijolos Porcelana Cobre - Bronze Instr. Metálicos Edificações Prensa Balança. Metros Arquit. Monumental Escritura Ideográfica Matemática Astronomia	Ferro Forjado Moeda Cunhada Mó Rotativa Nora. Grua Ferramentas e Armas de Ferro Aquedutos Moinhos Hidráulicos Alfabeto Notação Decimal Faróis Marítimos	Cavalaria Freios Estribos Ferraduras Arnês de Sela Arnês Rígido Aparelhos Hidráulicos Moinhos Eólicos Alambiques Ataíonas

Fonte: RIBEIRO (1979, p. 65).

Com a simples intenção de despertar a atenção pela interessante e abrangente abordagem proposta pelo Prof. Ribeiro, importa, aqui, levantar algumas conclusões acerca do estágio de evolução sócio-cultural dos primitivos povos latino-americanos em geral e, do Brasil em especial.

Antes da Revolução Agrícola, por longo tempo, os povos pré-agrícolas americanos viviam em pequenos bandos de coletores de raízes e frutos, de caçadores e pescadores: aprenderam a fabricar instrumentos de trabalho para defesa e ataque, sem ter líderes formais nem estabelecer

diferenças sociais. Enquanto que muitos permaneceram nesta etapa, estima-se que em 2500 a.C. irrompe a Revolução Agrícola em algumas regiões da América, desencadeando o primeiro processo civilizatório, que, rompendo com a condição de bandos de caçadores e coletores, dá lugar a uma nova formação sócio-cultural: as Aldeias Agrícolas Indiferenciadas (sem estratificação em classes econômicas). Estas sociedades reproduziam seus modos de vida através de economias de subsistência, o que exige a estruturação em tribos pela necessidade de defesa grupal do território explorado (propriedade coletiva da terra indispensável à lavoura), define-se a divisão do trabalho, inicialmente a nível de sexo (tarefas femininas e masculinas) e, aparecem as primeiras diferenciações sociais (chefes e sacerdotes).

REVOLUÇÃO AGRÍCOLA	REVOLUÇÃO URBANA	REVOLUÇÃO DO REGADIO
Aldeias Agrícolas Indiferenciadas	Estados Rurais Artesanais	Impérios Teocráticos e Regadio.
Brasil	Meso-América	
- MARAJOARA (1000)	- UXMAL (-1000)	MAIA (-300)
- TUPINAMBÁ (1500)	- GALINAZO (-7000)	AZTECA (1200)
	Altiplano Andino	INCA (1300)
	- MOCHICA (-200)	
	Colombia	
	- CHIBCHA (1000)	

Adaptado a partir de RIBEIRO (1979)

Algumas sociedades experimentaram consideráveis progressos (novas técnicas agrícolas, cerâmica, tecelagem, etc.) o que lhes permitiu acumular inovações tecnológicas que possibilitaram alcançar o nível de uma nova revolução: a URBANA. Esta segunda revolução tecnológica ensejou o surgimento das primeiras cidades, da metalurgia do cobre e do bronze, do calendário e da arquitetura monumental, entre outros. Uma nova reordenação impor-se-á na esfera social com o aumento das populações e, conseqüentemente, a nível de esfera ideológica em dois

processos civilizatórios: os Estados Rurais Artesanais de Modelo Coletivista e os de Modelo Primitivista. Na América, esta evolução processou-se lentamente; verificar-se-á somente em regiões restritas (Meso-América, Altiplano Andino e na Colômbia por volta do ano 1000 a.C.) enquanto que uns povos permaneciam no estágio pré-agrícola e outros no agrícola incipiente.

A terceira e última revolução tecnológica, a de REGADIO, que será atingida pelos povos pré-colombianos, estrutura-se apenas com os Maias (300 a.C.) e finalmente como os Incas e Astecas, provendo as bases para o aparecimento das primeiras civilizações regionais com uma nova e complexa formação sócio-cultural: a dos Impérios Teocráticos de Regadio.

Em nível de Brasil, encontramos à época da “descoberta” pelos europeus: povos de coletores e caçadores (Gês) e povos com uma formação sócio-econômica própria das Aldeias Agrícolas Indiferenciadas (Tupi, Caribe e Aruak); dito de outra forma, povos no estágio pré-cerâmico e grupos de agricultura incipiente, ceramistas.

8. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES ACERCA DA PRÉ-HISTÓRIA CATARINENSE

Apesar das poucas evidências arqueológicas alocadas por ora, e da necessidade de continuar aprofundando os estudos sistemáticos acerca da Pré-História Catarinense, podem ser definidas duas áreas arqueológicas no estado: o litoral e o planalto, que patenteiam estágios civilizatórios diversos. Ainda não se sabe se existiram pontos de contato entre ambas, já que a “Serra Geral” coloca-se como uma barreira montanhosa difícil de ser transposta até para o homem atual.

Os grupos humanos pré-históricos do litoral são os responsáveis pelos “Sambaquis” (montes de conchas) e os povoadores do interior, de ocupação mais antiga, seriam os responsáveis pelo fabrico de grande quantidade de artefatos líticos lascados, semipolidos e polidos.

O Prof. PIAZZA (1983) tenta demonstrar que o povoamento pré-histórico de Santa Catarina estruturou-se em torno das próprias

peculiaridades eco-geográficas do estado. Assim:

- a geologia determinou a existência dos sítios-oficina, como decorrência da abundância de matéria-prima para a confecção do instrumental pré-histórico (exemplo: os sítios do Município de Itapiranga no Sudoeste do estado).

- o litoral, pela fertilidade do solo e a abundância de alimentos, condicionou as concentrações humanas, o que explicaria o grande número de “sambaquis” ali encontrados.

- a hidrografia com seus “enlaces fluviais”, teriam condicionado os processos migratórios.

- a altitude e as variações de temperatura teriam condicionado o estilo de vida de tal forma que, no planalto, acima do 700 m de altitude, encontram-se com frequência os abrigos sob-rocha com inscrições rupestres; entre 500 a 700 m, localizam-se as casas subterrâneas ou “buracos de bugre”. Já os sítios cerâmicos são raros no planalto e se registram no alto dos morros, na faixa de 500 a 1000 metros onde o terreno favorece a sedentarização. A existência de abrigos sob-rocha no litoral e de casas subterrâneas em altitudes baixas em habitat diferente, pode demonstrar, apenas, o “traço cultural persistente do grupo que a utilizava no planalto”(ibidem, p. 49).

- o meio ambiente, o contexto flora-fauna definiu os meios de subsistência. As lagoas e o mar do litoral deram origem a povos pescadores e coletores de molusco. Enquanto que no interior, a floresta subtropical do Vale Uruguai e a flora de araucária, assim como a abundância de animais de porte médio (capivaras, antas, porcos do mato, etc.) e de peixes de água doce, favoreceram o surgimento de povos caçadores e coletores de pinhão.

A exemplo da divisão efetuada a nível de pré-história brasileira, a catarinense pode ser delimitada em dois grandes períodos culturais caracterizados a partir da tecnologia dominante: o Pré-Cerâmico e o Cerâmico. As inter-relações entre estes períodos não estão bem esclarecidos. Por esta circunstância tem validade, ainda hoje, a autorizada opinião do Prof. BECK (1970, p. 141) quando, se referindo à insuficiência dos dados sobre nossas populações pré-históricas, dizia que dá “a

impressão de estarmos lidando com grupos humanos isolados, que não estariam relacionados com os grupos que os precederam e com aqueles que os seguiram”.

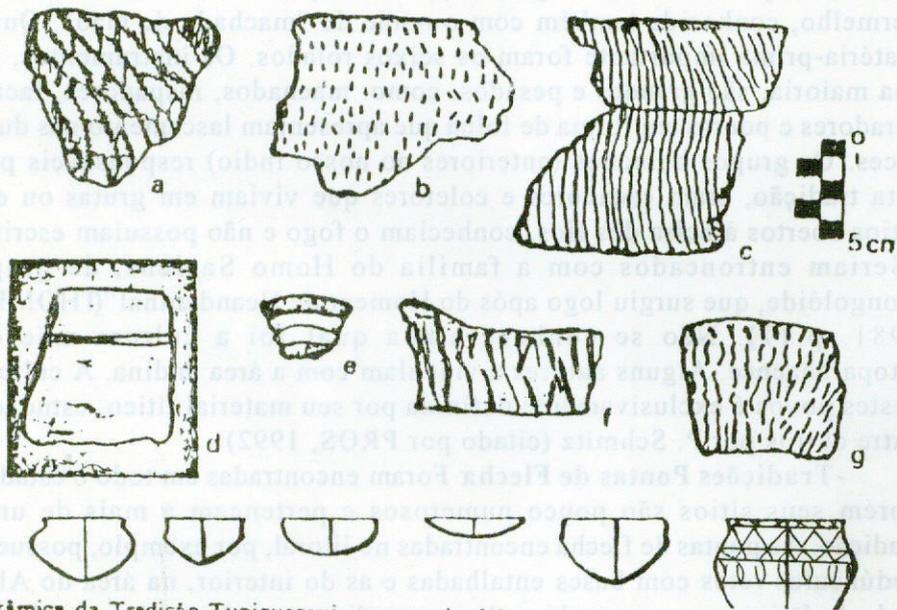
Período Pré-Cerâmico: É o período mais antigo, o mais longo e o menos estudado. Teoricamente teria começado com a entrada do homem no atual território de Santa Catarina, no máximo dez mil anos atrás. Neste período encontra-se grande diversidade de tradições culturais, as principais seriam:

- **Alto Paranaense:** Cronologicamente é a mais antiga conhecida, inclusive a nível do Brasil. Teve uma grande área de dispersão, estendendo-se ao Rio Grande do Sul e à Argentina. Localizada sobretudo no Vale do Rio Uruguai, é encontrada no Oeste Catarinense no município de Itapiranga (24 sítios) e nos municípios vizinhos. É uma tradição lítica, constituída por instrumentos grandes, feitos de pedra lascada sobre basalto vermelho, conhecida também com o nome de “machado de mão”. Outra matéria-prima importante foram os seixos rolados. Os instrumentos, na sua maioria, são grandes e pesados, como: machados, raspadores, facas, furadores e pontas em forma de folha que apresentam lascamento nas duas faces. Os grupos humanos (anteriores ao nosso índio) responsáveis por esta tradição, eram caçadores e coletores que viviam em grutas ou em sítios abertos à beira dos rios, conheciam o fogo e não possuíam escrita. “Seriam entroncados com a família do Homo Sapiens, de grupo mongolóide, que surgiu logo após do Homem de Neandenthal”(THOMÉ, 1981, p.17). Não se conhece ainda qual foi a cultura mãe da altoparanaense. Alguns autores a vinculam com a área andina. A cultura destes povos é exclusivamente definida por seu material lítico, estudado entre outros por P. Schmitz (citado por PROS, 1992)

- **Tradições Pontas de Flecha:** Foram encontradas em todo o estado, porém seus sítios são pouco numerosos e pertencem a mais de uma tradição. As pontas de flecha encontradas no litoral, por exemplo, possuem pedúnculos retos com bases entalhadas e as do interior, na área do Alto Vale do Itajaí, possuem pedúnculos expandidos com base côncava. Estas tradições não foram suficientemente estudadas. (BECK, 1970).

- **Sambaquis:** Tradição típica do litoral brasileiro e catarinense. Sua

CULTURA ALTO-PARANAENSE



Cerâmica da Tradição Tupiguarani: corrugado (a); unglado (b); escovado (c); pintado (d); roletado (e); acanalado (f); corrugado-ungulado (g); forma de cerâmica (h); partes principais de um vasilhame (i).

Fonte: RIBEIRO (1977, p. 47)

datação pelo carbono 14, revela uma antiguidade menor que as outras duas tradições pré-cerâmicas. Estes importantes sítios arqueológicos foram construídos por povos pescadores e coletores de moluscos que, em número bastante significativo, habitaram nosso litoral. Nestes casqueiros, além de conchas, encontram-se numerosos artefatos de pedra e de osso, restos ósseos humanos e, nos mais recentes, utensílios cerâmicos. Nestes restos, de grande valor arqueológico, destacam-se as peças zoomorfas, os chamados zoólitos, esculturas em pedra polida, confeccionadas em diabásio na forma de peixes ou de aves. Estas peças também foram encontradas no meio oeste catarinense (THOMÉ, 1981) e a sua procedência ainda é motivo de especulação. Já em 1950 o Pe. ROHR levantava as diversas hipóteses a seu respeito. Na época, este mesmo pesquisador mencionava que alguns autores consideravam os zoólitos como produto dos antepassados do homem do “sambaqui”. Antepassados estes que teriam vindo da zona andina expulsos por um poderoso invasor. Os zoólitos seriam de exclusivo uso cerimonial e remanescentes de uma cultura de grau mais elevado que, na sua peregrinação para o leste, degenerou-se. ROHR ponderava que outros autores preferiam opinar que os zoólitos teriam sido obtidos pela permuta de mercadores com povos mais adiantados da área andina. Outro ponto controvertido é a origem das inscrições rupestres ou itacoitaras que se encontram tanto no litoral como no interior. Estes petroglifos não foram decifrados nem se sabe ao certo se foram feitos por povos pré-cerâmicos ou por povos ceramistas; possivelmente sejam de origem Tupi-Guarani (carijó) os da Ilha de Santa Catarina e os do planalto provenham dos povos do grupo Gê (ROHR, 1983).

Cronologicamente mais recentes, encontram-se, em certos pontos da costa, vestígios de grupos ceramistas superpostos aos “sambaquis”.

Período Cerâmico: As principais características deste período são a utilização de uma tecnologia mais avançada na fabricação dos artefatos, a prática da agricultura e a invenção ou a introdução da Cerâmica.

A técnica da cerâmica consistia na modelagem de roletes de barro que eram colocados uns sobre os outros e rejuntados, no formato da peça.

O acabamento interno e externo era feito a mão ou com seixos ou folhas de algumas plantas, às vezes, os recipientes eram decorados plasticamente sob a forma de pontos, traços ou, então, pintados. As peças sem decoração alguma são denominadas do tipo simples. Uma vez concluídas, eram colocadas a secar e depois eram queimadas em buracos feitos no chão ou em fornos (BECK, 1970).

Este período é bem recente entre 800 e 1.700 desta era (ibidem). Encontram-se vestígios tanto no litoral como no planalto na forma de duas tradições: a guarani, de recipientes de tamanhos diversos com finalidade não apenas utilitária e diferentes tipos de decoração e a tradição não-guarani de recipientes pequenos e essencialmente utilitários.

Os povos do período ceramista corresponderiam já aos grupos indígenas encontrados à época da “conquista” do Brasil.

Quando os portugueses chegam ao Brasil, além de receber incursões de outros grupos tribais, nosso estado já estava habitado por:

- Tupi-Guarani, chamados de “carijós” no litoral, onde predominavam. Os Tupi-Guarani eram sedentários, praticavam a agricultura e a pesca;

- Gês, a cujo tronco linguístico pertencem os Xokleng e os Kaingang. Os Xokleng eram nômades, ocupavam as florestas dos vales e dependiam da pesca e da caça para sua sobrevivência o que os obrigava a fazer incursões, estendendo constantemente os limites de seu território. Encontram-se remanescentes destes indígenas na reserva de Ibirama. Os Kaingang ocupavam o planalto, eram semi-nômades, praticavam uma agricultura rudimentar, completando sua alimentação com pinhão e a caça. Os sobreviventes destes indígenas encontram-se aldeados na reserva de Xapecó, localizada no município de Xanxerê. Assim, os povos coletores no estágio agrícola que se localizavam no litoral e nas margens dos grandes rios como o Uruguai e seu afluentes principais, pertenceriam à tradição tupi-guarani, ao passo que os núcleos menores encontrados mais no interior, corresponderiam à tradição não tupi-guarani ou Tapuias - Grupo Gê - (PIAZZA, 1979).

QUADRO ARQUEOLÓGICO REGIONAL

Apesar da escassez dos dados arqueológicos disponíveis (uma vez que os mesmos, na sua grande maioria, provêm dos “sambaquis” do litoral, enquanto que as grutas e abrigos sob rochas tem sido menos estudados), o Prof. PIAZZA e outros pesquisadores conseguiram estabelecer uma primeira sequência arqueológica para o estado catarinense, dividida em fases pré-cerâmicas e fases ceramistas. Recomenda-se, para um estudo mais aprofundado, ver o resumo analítico elaborado pelo Prof. Walter PIAZZA (1983). Destacar-se-ão aqui, apenas as fases que se verificaram a nível de região.

FASES PRÉ-CERÂMICAS

Tamanduá: Situada no contexto cultural “alto-paranaense”, ao longo do rio Uruguai. Denominados, na região, de “barreiros” (decomposição de basalto e areias produzidos pelas enchentes) sobre os quais se localizam sítios cerâmicos na tradição Tupi-Guarani ou não. Três sítios foram escavados ali: dois pelo Pe. ROHRE e um pelo Prof. PIAZZA. É preciso desenvolver e aprofundar pesquisas para se obter mais dados a respeito e correlacioná-los com as outras culturas. Seus vestígios arqueológicos são artefatos de “arenito fritado”(diabásio vermelho endurecido), predominando os raspadores.

Suruvi: Parece preceder à tradição Tupi-Guarani ou ser contemporânea dela, no curso médio do rio Uruguai. Constituído por dois sítios-oficina. Antiguidade estimada: 500 a.C.

FASES CERÂMICAS

São identificadas como pertencentes a Tradições Regionais ou locais (Xaxim, Ibirama, Araquari e Pirai) ou, como pertencentes à Tradição Tupi Guarani, de abrangência nacional, alinhada em três subtradições: a pintada

(ainda não identificada), a corrugada (Mondai, Itá, Jurerê, Irapocu e Guaiúba) e a escovada (Ipira).

Tradição Tupi-Guarani:

- Subtradição corrugada

Mondai. Os sítios representativos desta fase localizam-se nas margens do rio Uruguai ou seu afluentes. São sítios-habitação e/ou sítios-cemitérios. Predominam as urnas funerárias com bordas de formas variadas, manufaturadas pelo método de “roletes” ou acordelados. Seu tipo simples denominou-se Mondai simples e os cascos cerâmicos de oxidação incompleta e espessura maior a 2 mm, chamou-se Xapecó simples. A cerâmica decorada denominou-se Mondai Xapecó corrugado, ungulado, digitungulado e pintado. Datação pelo Carbono 14, entre 1.460, \pm 70 a.C. (PIAZZA, 1993).

Itá: Os sítios-habitação e sítios-cemitério desta fase localizaram-se na foz do rio Irani ou no trechos navegáveis dos principais afluentes do rio Uruguai e nas próprias margens deste rio. O tipo simples da cerâmica desta fase foi denominada Itá simples e as decoradas: Itá e Uvá corrugado e escovado e Itá ungulado, inciso, nodulado e pintado. Os restos achados se apresentam em diversos tamanhos desde vasilhames em miniaturas até grandes urnas funerárias. Datação pelo Carbono 14: 1.360 \pm 100 a.C. (BRIAN apud PIAZZA, 1983).

- Subtradição escovada

Ipira: Os dez sítios também estão localizados nas margens do rio Uruguai e na confluência com o rio Irani. A cerâmica desta fase são vasilhames utilitários e recipientes funerários. O tipo simples denominou-se Ipira simples e os decorados: Ipira ou Navegantes escovado, corrugado, raspado, pintado (e seus subtipos), Ipira ungulado, inciso e Navegantes vermelho. Esta fase, ainda não possui datação radiométrica.

9. AS CULTURAS PRÉ-HISTÓRICAS NA REGIÃO OESTE DE SANTA CATARINA

A ocupação do oeste catarinense seria a mais antiga do estado. As pesquisas arqueológicas indicam que há 10.000 anos atrás as primeiras populações pré-históricas penetraram na região sul do país, pela Bacia do rio Paraná e seus afluentes, tendo atingido “o Estado de Santa Catarina após subir o rio Iguaçu e o rio Uruguai, espalhando-se pelo planalto, vindo depois a atingir a costa atlântica”. (Thomé, 1981, p. 14)

Segundo GOULART (1983, p. VI):

“A bacia hidrográfica do rio Uruguai constitui num dos mais importantes focos de penetração e movimentação de grupos humanos pré-históricos, apresentando remanescentes culturais do paleolítico (culturas anteriores ao holocênico) até o descobrimento do Brasil.”

Os restos arqueológicos regionais, até o momento estudados, permitem caracterizar a existência de dois complexos culturais: o pré-cerâmico e o cerâmico.

Ao complexo pré-cerâmico pertenceriam a população portadora da chamada cultura Alto-Paranaense e outros grupos com tradição pontas de flecha.

Em relação a este complexo, as últimas pesquisas realizadas pelo convênio UFSC/ELETROSUL permitiram confirmar a presença de duas tradições culturais, uma relacionada a grupos coletores-caçadores, portadores de uma indústria de blocos - a Alto-Paranaense - e, outra de caçadores especializados, com ponta de flecha.

Nas barrancas do rio Uruguai, na região de Itapiranga, encontram-se vestígios dessa cultura que os arqueólogos denominaram de Alto-paranaense. Como mencionou-se anteriormente, a datação destes restos

acusa uma antiguidade aproximadamente oito mil anos. Seriam estes os primeiros grupos de coletores-caçadores que se estabeleceram no Oeste do estado, e viveram nas barrancas do alto Rio Uruguai (na atual divisa entre Rio Grande do Sul e Santa Catarina) (SCHMITZ, 1975).

Por volta de 4.500 a.C., esta cultura teria alcançado "... a foz e o baixo curso dos rio das Antas (Mondai) e Chapecó (São Carlos/Águas de Chapecó) e chegam a ultrapassar a barra do Irani (Itá) rio acima". (D'ANGELIS, 1989 p.02). Nessa mesma época, outros grupos de caçadores - com tradição pontas de flecha em pedra, distribuem-se pelas bordas da floresta, nos campos e na mata de Araucária (SCHMITZ, 1975).

Segundo alguns autores, entre eles MENGHIN apud SCHOBINGER (1969, p. 186) "es muy posible que el altoparanaense represente el patrimonio arqueológico de los antepasados más antiguos de los Ge".

A respeito do complexo cerâmico, sabe-se que, já no segundo século de nossa era, os grupos de caçadores - coletores que habitavam a floresta subtropical, começam a praticar uma agricultura de tipo rudimentar associada à fabricação de cerâmica. Os restos cerâmicos mais antigos para a região datam de 140 d.C. (SCHMITZ & BROCHADO, 1981).

A fase cerâmica compreende as tradições Taquara e Tupi-Guarani. A cerâmica Taquara é típica dos índios do planalto (Kaingang e Xokleng) é uma das mais antigas para o sul do Brasil. No oeste do estado tem sido encontrada junto a alguns afluentes do rio Uruguai (ao passo que a tradição Tupi-guarani tem sido encontrada às margens do rio Uruguai). Por volta do século quinto, apesar dos evidentes contatos inter-étnicos, as antigas culturas de coletores - caçadores das florestas sub-tropicais e os grupos de caçadores da zona intermediária entre o campo e a floresta, apresentam hábitos ceramistas diferentes.

Sabe-se também que, provavelmente, a partir do século VIII de nossa era, começam a chegar os primeiros grupos Tupi-guarani ou seus ancestrais, subindo o rio Uruguai e seus afluentes (Idem, Ibidem). Já a ocupação humana, no atual município de Chapecó data, aproximadamente, do ano 1000 de nossa era (GOULART, 1983).

Ao tempo do descobrimento, ocupam o nosso espaço regional os povos portadores destas duas tradições ceramistas, ou seus descendentes.

Poucos duvidam hoje que os ancestrais dos índios, tenha sido aqueles grupos pré-históricos. Quando o homem “civilizado” chegou a estas paragens, muitas gerações tinham, pois, se estabelecido e deixado as marcas de sua cultura material, de sua luta pela sobrevivência.

Nossa época, com suas profundas e contraditórias transformações, abre, para o homem oestino atual, novas fronteiras que exigem, porém, o conhecimento do seu passado cultural. A preservação dos vestígios arqueológicos da ocupação de grupos pré-cabralinos, é de fundamental importância para a própria compreensão da nossa cultura regional.

10. DO RESGATE E DA NECESSIDADE DE PRESERVAÇÃO DE NOSSOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Como deve ter ficado claro ao longo deste trabalho, o espaço habitacional pré-histórico do estado não tem sido, ainda, suficientemente investigado, permanecendo grande parte de seus vestígios desconhecidos. Porém, pior do que a falta de estudos científicos, é o risco que se corre de perder valiosas fontes documentais da nossa pré-história:

“O processo de destruição de sítios arqueológicos no Rio Chapecó foi violento. A população local por falta de conscientização não tratou da sua preservação, ressaltando nas entrevistas que até alguns anos atrás os vestígios ainda eram abundantes. A utilização do trator na lavoura foi a principal causa desse destruição e sempre haverá esta lacuna no conhecimento da pré-história de Chapecó”(GOULART, 1983, p.65).

Poder-se-ia asseverar que a própria falta de conscientização da comunidade é o que está provocando a determinação destas lacunás pré-históricas.

Os sítios e os diversos restos arqueológicos encerram rico potencial de informações a respeito. A análise das técnicas de fabricação de artefatos de pedra e osso, dos produtos de madeira e traçados e até os fragmentos de cerâmica, são de fundamental importância para o estudo

dos grupos humanos que os produziram. As grutas, os abrigos sob-rochas e os locais de sepultamento são outra fonte de grande informação. Todos estes vestígios relacionados no seu contexto e entre si, permitem determinar quem foram e como viviam os habitantes que no passado remoto existiam na região.

Estas manifestações culturais sofrem freqüentes vandalismos, uns realizados em nome do progresso; como as lavouras mecanizadas, as hidroelétricas ou as novas rodovias, outros decorrem de preconceitos ou de equívocos de informação. De forma tal, que estes mudos testemunhos do passado, ora são destruídos por considerá-los "coisa de bugre", ora por despertar a cobiça de desinformados caçadores de lendários tesouros.

Coordenar as estratégias de valorização, preservação e investigação científica tem sido um dos imperativos do Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste de Santa Catarina inserido na Fundação de Ensino do Desenvolvimento do Oeste - FUNDESTE. O desdobramento de ações, nesta perspectiva, deverá ser efetivado com o auxílio das atuais comissões municipais de coordenação local que o Centro de Memória atende e com as que, futuramente, serão atendidas em outros municípios. Sem dúvida alguma, neste empreendimento será essencial o respaldo dos diferentes poderes públicos e das diversas forças societárias. Enquanto isso, as diretrizes de preservação do Centro de Memória precisam ser conhecidas e levadas à prática. O iniciar deste processo permanente de reconstrução do passado permitirá visualizar não somente de onde se partiu, senão também, e fundamentalmente, onde se pretende chegar.

ANEXO 01

RELAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DA REGIÃO

Relacionar-se-ão, a seguir, os principais sítios regionais mapeados pelas diversas, porém, não conclusivas, pesquisas arqueológicas realizadas nas últimas décadas:

1) Município de Itapiranga

Os sítios deste município foram escavados em 1966 pelo PeROHR, e a relação a seguir baseia-se em publicações de 1983.

ITAPIRANGA 1. Sítio Cerâmico Guarani.

Localiza-se na Sede Capela, em terrenos do Colégio Agrícola. Numa área de 1.500 m² “encontram-se esparsas manchas escuras no solo, com carvão vegetal e cerâmica de tradição guarani, dos tipos lisa, corrugada, ungulada, pintada...” (ROHR, 1983, p. 153).

ITAPIRANGA 2. Sítio Cerâmico Guarani

Localizado em terrenos do Colégio Agrícola na encosta do morro a 100 metros do Rio Uruguai numa área de 600 m², encontram-se vestígios similares aos do sítio anterior.

ITAPIRANGA 3. Sítio Cerâmico Guarani.

Também localizado em terrenos do Colégio Agrícola, encontram-se cacos de cerâmica guarani, inclusive uma urna funerária.

ITAPIRANGA 4. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Nas margens do Rio Uruguai, em terrenos de Ervino Spies, sobre área de 20.000 m², encontram-se cacos de cerâmica guarani, inclusive 2 urnas contendo esqueletos. A quatro metros de profundidade, acham-se raspadores e facas cortantes de diabásio.

Na desembocadura do Ribeirão Terezinha no Rio Uruguai, em terrenos de Afonso Spies, encontraram-se numerosos cacos de cerâmica.

ITAPIRANGA 6. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Encostado ao rio Uruguai, em terrenos de Silvério Barian e Alfredo Schorr. A cerâmica de tradição guarani e lascas de ágata quartzo apronfunda até 2 metros. A oito metro de profundidade, "encontram-se artefatos de fogueiras da cultura alto-paranaense, que foi datada, até sete metros e trinta centímetros pelo Carbono 14, em oito mil, seiscentos e quarenta anos de idade" ROHR, 1983, p.154).

ITAPIRANGA 7. Sítio Cerâmico com Cultura Alto-Paranaense.

Na desembocadura do rio Macaco Branco, no rio Uruguai, em terrenos de Wilibaldo Stülp e Inácio Welter. É um sítio extenso: 40.000 m² e rico em material arqueológico cerâmico e pré-cerâmico.

ITAPIRANGA 8. Sítio Cerâmico Guarani

Na localidade de Linha Baú em terrenos de Walter Buss. O dono encontrou uma funerária com esqueleto e criança com bracelete de pedras perfuradas e numa vasilha menor, um machado semilunar polido, este tipo de machado parece não pertencer à cultura Guarani, é raro no nosso estado. (Ver figura 02).

ITAPIRANGA 9. Sítio Cerâmico Guarani

No Arrojo Baú, na Linha Baú em terrenos de Edgar Pauls, encontraram-se ossos trabalhados e cerâmica. O dono informou que foram quebrados mais de trinta urnas funerárias no transcorrer dos anos.

ITAPIRANGA 10. Sítio Cerâmico Guarani com cultura Alto Paranaense.

Na Linha Baú, encostado na desembocadura do Rio Macaco Branco, no rio Uruguai, em terrenos do Ministério da Agricultura. Área de 75.000 m², manchas escuras no solo com carvão vegetal e cerâmica.

ITAPIRANGA 11. Sítio Cerâmico Guarani

Na localidade de Santa Terezinha, em terrenos de Waldemar Fuchs.

ITAPIRANGA 12. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linha Baú, em terrenos de Lauro Giehl e Germano Rabuske.

ITAPIRANGA 13. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linha Laranjeiras, junto a um arroio, em terrenos de Agostinho Selm. O dono informou que durante vinte anos de lavoura o arado quebrou inúmeras urnas funerárias.

ITAPIRANGA 14. Sítio Cerâmico Guarani.

Próximo ao Arrojo Laranjeiras, em terrenos de Augusto Simon. Além de cerâmica foi encontrado machado de diabásio polido.

ITAPIRANGA 15. Sítio Cerâmico Guarani com cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Santa Fé em terrenos de Vítor Reis. Na barreira da Olaria encontra-se farto material lítico muito cortante da cultura alto-paranaense.

ITAPIRANGA 16. Sítio Cerâmico Guarani com cultura Alto-Paranaense.

No Arroio Dourado, em terrenos de Libório Burth: sítio sem prospecção exaustiva.

ITAPIRANGA 17. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Sede Capela, em terrenos de Bruno Berwanger a 1 km do Rio Uruguai. Foi escavada grande urna funerária que está exposta no Museu do Homem do Sambaqui (Florianópolis).

ITAPIRANGA 18. Sítio Cerâmico Guarani.

Na desembocadura do Arroio Fortaleza, em terrenos de Bruno Berwanger. Não se fez prospecção exaustiva. O dono retirou urna funerária.

ITAPIRANGA 19. Sítio Cerâmico de Tradição Guarani

Na desembocadura de um córrego dos terrenos de Clemente Shonhalls na sede Capela. Além de urnas funerárias, o dono encontrou uma espingarda antiga, da época da invasão dos bandeirantes paulistas às missões jesuíticas.

ITAPIRANGA 20. Sítio Oficina de Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Jaboticabeira, em terrenos de Wunibaldo Kozzer, pedreira de diabásio vermelho que foi oficina lítica da cultura alto-paranaense.

ITAPIRANGA 21. Sítio Cerâmico Guarani.

No Arroio Fortaleza (Sede Capela) em terrenos da viúva Ulrich Neffe foram desenterradas 10 urnas funerárias. Até 1966, a área não tinha sido lavrada, apenas ajardinada, por isso o Pe. Rohr admitia que deveria haver mais urnas funerárias. Até 1966, a área não tinha sido lavrada, apenas ajardinada, por isso o Pe. Rohr admitia que deveria haver mais urnas funerárias enterradas.

ITAPIRANGA 22. Sítio Cerâmico com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Chapéu, em terrenos da viúva Jocó Barth acharam-se machados polidos, contas de colar e cacos cerâmico da tradição guarani associados com machados bumerangóides e lascas da cultura alto-paranaense.

ITAPIRANGA 23. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Chapéu, em terrenos de Aloísio Deves. Amadores retiram umas dez urnas funerárias. Achou-se também uma ponta de flecha pisciforme de diabásio vermelho que pertenceria à cultura "El Inga" da Gruta da Patagônia.

ITAPIRANGA 24. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linha Chapéu, num córrego, em terrenos de Orlando Pila.

ITAPIRANGA 25. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na desembocadura do Arroio Vitória, na Linha Chapéu, em terrenos de Breno Barth. Foram encontrados pelo oleiro, "grande número de artefatos cortantes de diabásio, os quais, por serem muito cortantes é uma ameaça para os pés dos transuentes, foram jogados no Rio Uruguai"(Rohr, 1983, p.159).

ITAPIRANGA 26. Sítio Cerâmico Guarani.

No Arroio Vitória, em terrenos de Albano Hahn, apareceram urnas e grande quantidade de cacos.

ITAPIRANGA 27. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linnha Chapéu, em terrenos de Aloisio Deves, sítio de pequenas dimensões.

ITAPIRANGA 28. Sítio Cerâmico Guarani com vestígios de Cultura Alto-Paranaense.

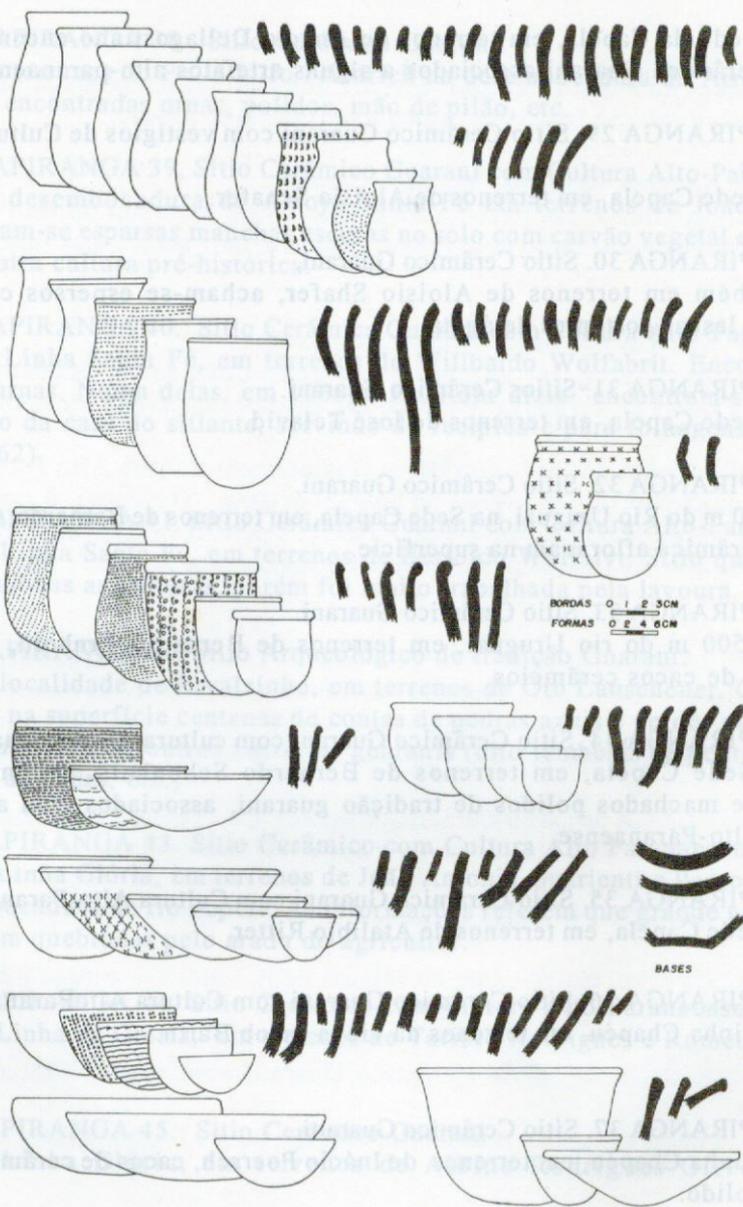


Figura 04 – Modelos de formas da cerâmica da fase Itapiranga
 Fonte: PESQUISAS (1985, p. 121)

Na Sede da Capela, em terrenos de Angelo Dellagostinho encontram-se cacos de cerâmica Guarani associados a alguns artefatos alto-paranaense.

ITAPIRANGA 29. Sítio Cerâmico Guarani com vestígios de Cultura Alto Paranaense.

Na Sede Capela, em terrenos de Aloisio Schafer.

ITAPIRANGA 30. Sítio Cerâmico Guarani.

Também em terrenos de Aloisio Shafer, acham-se espessos cacos de cerâmica e lascas cortantes de ágata.

ITAPIRANGA 31. Sítios Cerâmico Guarani.

Na Sede Capela, em terrenos de José Telavid.

ITAPIRANGA 32. Sítio Cerâmico Guarani.

A 500 m do Rio Uruguai, na Sede Capela, em terrenos de Bernardo Arnhold, cacos de cerâmica afloravam na superfície.

ITAPIRANGA 33. Sítio Cerâmico Guarani.

A 1.500 m do rio Uruguai, em terrenos de Bernardo Arnhold, enorme quantidade de cacos cerâmicos.

ITAPIRANGA 34. Sítio Cerâmico Guarani com cultura Alto-Paranaense.

Na Sede Capela, em terrenos de Bernardo Schonhals, encontram-se cerâmicas e machados polidos de tradição guarani, associados com artefatos lascados Alto-Paranaense.

ITAPIRANGA 35. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na sede Capela, em terrenos de Atalibio Ritter.

ITAPIRANGA 36. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura AltoParanaense.

Na Linha Chapéu, em terrenos da viúva Jacob Barth.

ITAPIRANGA 37. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linha Chapéu, em terrenos de Inácio Poersch, cacos de cerâmica e um machado polido.

ITAPIRANGA 38 . Sítio Cerâmico Guarani.

Em terrenos do Pe. Adolfo Friedrich na desembocadura do Arroio Santa Fé foram encontradas urnas, polidos, mão de pilão, etc.

ITAPIRANGA 39, Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na desembocadura do Arrojo Santa Fé em terrenos de João Scmitz, encontraram-se esparsas manchas escuras no solo com carvão vegetal e artefatos de uma outra cultura pré-histórica.

ITAPIRANGA 40. Sítio Cerâmica Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Santa Fé, em terrenos de Wilibaldo Wolfabrit. Encontram-se algumas urnas. Numa delas, em 1966, o Pe. Rohr dizia “encontram-se exposta no terreiro da casa do sitiante, servindo de recipiente para folhagens”. (Rohr, 1983 p. 162).

ITAPIRANGA 41. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Santa Fé, em terrenos de Bertoldo Wolfalvt. Sítio que oferece restos de ambas as culturas, porém foi muito trabalhada pela lavoura.

ITAPIRANGA 42. Sítio Arqueológico de tradição Guarani.

Na localidade de Ervalzinho, em terrenos de Oto Lauschener. O sitiante encontrou na superfície centenas de contas de pedras azuis e verdes na “estrada dos bugres”, além de outros vestígios guaranis (oito tembetás de pedra branca, pingentes de pedra, etc.)

ITAPIRANGA 43. Sítio Cerâmico com Cultura Alto Paranaense.

Na Linha Glória, em terrenos de João Antonio Guarienti e Pedro Tomazi, na desembocadura do rio Peperi. As informações referem que grande número de urnas foram quebradas pelo arado do agricultor.

ITAPIRANGA 44. Sítio Cerâmico com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha da Glória, em terrenos de Toribio Rodrigues e Romeu Franke.

ITAPIRANGA 45. Sítio Cerâmico Guarani

Na Linha Glória, em terrenos de Albino Rodrigues Oliveira, na

desembocadura do Peperi, Pe. Rohr admitia que pudesse haver urnas funerárias intactas, pois o terreno, em 1966, ainda não tinha sido arado.

ITAPIRANGA 46. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linha Glória, em terrenos de Eriges Jones, a 1,5 km do rio Peperi, O terreno foi pouco trabalhado pelo arado, podem existir mais urnas funerárias.

ITAPIRANGA 47. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linha Glória, em terrenos de Avelino dos Santos, encontraram-se alisadores e cacos de cerâmica. Poderão ser encontrados ainda urnas intactas.

ITAPIRANGA 48. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto Paranaense.

Na Linha Glória, em terreno de Samuel Freitas. "O sitiante, à semelhança do povo em geral da região, anda com a cabeça cheia de idéias vagas de tesouro dos jesuítas, decorrentes da proximidade da região missioneira". (Rohr, 1966; 1983).

ITAPIRANGA 49. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Glória, em terrenos de João Borba, encontram-se restos guaranis associados a vestígios alto-paranaenses. Uma série de urnas foram quebradas sistematicamente por um agregado do dono das terras em busca de tesouros.

ITAPIRANGA 50. Sítio Cerâmico Guarani, com Cultura Alto-Paranaense.

Também na Linha glória, em terrenos de Ervino Hahn.

ITAPIRANGA 51. Sítio Cerâmico Guarani associado à Cultura Alto-paranaense.

Na Linha Baú, em terrenos de Miguel Faht, sítio rico e pouco destruído pelo tratos (1966).

ITAPIRANGA 52. Sítio Cerâmico Guarani associado à Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Pacífico, do lado de um córrego no rio Peperi-guaçu, em terras de Miguel G. Alves de Oliveira.

2) Município de Mondaiá

MONDAÍ 1. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Ervas, na desembocadura de um córrego no Rio Uruguai,, em terras de Reinaldo Krein. Em área de 30.000 m² encontram-se esparsas manchas escuras no solo, com carvão vegetal, cacos de cerâmica guarani e artefatos alto-paranaense. Foram retirados três vasos de cerâmica, um tinha ossadas.

MONDAÍ 2. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na localidade de Castros, em terras de José e Afonso Gabriel. Entre numerosos vestígios de ambas culturas, os donos entregaram ao Pe. Rohr uma urna que durante quarenta anos foi usada como vaso de folhagens.

3) Município de Caxambú do Sul.

Os três sítios, a seguir relacionados, foram pesquisados pelo Pe. Rohr, em 1968 e publicados em 1983.

CAXAMBÚ DO SUL 1. Sítio Cerâmico Guarani.

Na localidade de Volta Grande, sobre o Rio Uruguai, em terras de Renato de Oliveira Ramos. foram encontrados cacos de cerâmica, dois tambatás e o sitiante quebrou cinco urnas com o arado.

CAXAMBÚ DO SUL 2. Sítio Cerâmico Guarani.

Na localidade de Volta Grande, encostado no rio Uruguai, em terrenos de Osvaldo Stobi. Além de pontas de flecha, há numerosos cacos. O dono relata ter quebrado com o arado mais de uma dúzia de urnas, servindo como vasos de folhagens"... (Rohr, 1983, p. 166).

CAXAMBÚ DO SUL 3. Na localidade de Volta Grande, a 2 Km do rio Uruguai, em terras de Waldemar Marafon. Num lajeado de diabásio de 10 m veem-se inscrições rupestres na forma de desenhos de mãos, pés e animais estilizados. "Caçadores de tesouro dinamitaram a rocha, abrindo um poço de dez metros de profundidade". (ROHR, 1983, p. 166).

CAXAMBÚ DO SUL 4. Sítio Cerâmico Guarani.

Na localidade de Volta Grande, nas terras de Floriano Fistarol, onde os garimpeiros José Hauser, Horli Hauser e Brígido Hanhes escavaram “durante 90 dias em busca de uma estátua, cheia de barras de ouro, cravejada de diamantes” de posse de um mapa “do tesouro” que, segundo alegaram, teria pertencido a Antonio Polio, que o recebeu por herança dos padres jesuítas.*

4) Município de Águas de Chapecó.

Também pesquisado em 1968 pelo Pe. Rohr e publicado em 1983.

ÁGUAS DE CHAPECÓ 1. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linha Lampari, encostado ao Rio Chapecó, em terras de Virgílio Arboni, encontraram-se manchas pretas com carvão vegetal, restos cerâmicos e dentro de urnas funerárias foram achadas três pingentes de zoolito branco.

5) Município de São Carlos

Pesquisado em 1968 pelo Pe. Rohr, publicação de 1983.

SÃO CARLOS 1. Sítio Cerâmico Guarani.

Encostado ao rio Chapecó, em terras de Balduino Schmitz. Além de carvão vegetal, conchas fluviais, cacos de cerâmica e flechas de sílex, encontram-se 3 (três) urnas com restos ósseos humanos.

SÃO CARLOS 2. Sítio Cerâmico Guarani.

Na desembocadura do Rio Chapecó no Rio Uruguai em terrenos de José Serafim Margen. “O sitiante, ao lavar a terra, destruiu grande número de urnas funerárias, sem se preocupar em recolher as mesmas”Rohr, 1968:1983 p. 167).

SÃO CARLOS 3. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Encostado ao Rio Uruguai, em terrenos de Angelo Piccini, encontraram-se cacos, vasilhas, urnas de cerâmica Guarani e a 5 m de profundidade, restos líticos alto-paranaense.

* Reportagem de Alcebiades Santos. À procura do tesouro perdido no Oeste de Santa Catarina. Diário Catarinense. Florianópolis, 20 dez. 1987, p. 12.

SÃO CARLOS 4. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense. Encostado ao rio Uruguai, em terrenos de Rich Lüdgar Schauer mann, encontram-se cerâmica guarani e instrumentos da cultura alto-paranaense. O dono encontrou uma urna com caveira humana.

6) Município de Chapecó

As notícias de onze sítios localizados no município de Chapecó foram extraídas do relatório intitulado "Projeto Arqueológico no município de Chapecó" (1983), realizado pela equipe da Prof. Marilandi Goulart da UFSC, em 1980, em convênio com a ELETROSUL e própria Prefeitura de Chapecó.

Sete dos sítios identificados, localizam-se ao longo do rio Uruguai - Área 1 e quatro na área 2, estando três situados próximos ao rio Chapecó.

Os do rio Uruguai receberam a sigla UU e os do rio Chapecó CH.

Estes sítios apresentam grande número de material cerâmico de tradição Tupi-Guarani.

Área 1 - Rio Uruguai

SC - UU - 01 CLUBE REFÚGIO CAMPESTRE

Na Linha Cerne, na barranca do rio Uruguai, a 200 metros da escola local e próxima à desembocadura de uma sanga.

Ocupa área pequena de 50 m x 50 m, na superfície encontrou-se grande quantidade de cacos cerâmicos e material lítico.

SC - UU - 02 - NÉLCIO DEL PIZZA

No Porto Chalena, a poucos metros do rio Uruguai. O sítio encontrava-se coberto por roça de milho com inço e os restos estavam na superfície.

SC - UU - 05 - ABÍLIO DAL PIVO

No Porto Chalana, a 200 metros de uma sanga e a 10 metros de uma lagoa. Sobre a mancha preta, o dono encontrou uma mão de pilão e a 200 metros, uma boleadeira; foram doadas à equipe da UFSC.

SC - UU - 06 - FRANCISCO VAILONES

Localizada em Cachoeira - Beira Rio, a 120 metros do Rio Uruguai. O sítio foi bastante destruído pela lavoura de milho. Apresenta cacos cerâmicos da tradição Tupi-Guarani.

SC - UU - 07 - SEBASTIÃO BONNES

Na Cachoeira - Beira Rio numa área de 2.000 m² a 150 metros do Rio Uruguai. O sítio foi localizado quando estava sendo feito um campo de futebol, quando a equipe chegou só haviam cacos de cerâmicas. No local cultivava-se também milho, feijão e soja.

SC - UU - ARAMI DANIELI

Na Cachoeira - Beira perto do Rio Uruguai. Na área é feito o cultivo de soja e milho e os restos cerâmicos encontraram-se na superfície.

Área 2 - Rio Chapecó

SC CH - 03 - PREFEITURA MUNICIPAL DE CHAPECÓ

Na localidade de Sede Figueira, localizam-se galerias subterrâneas cilíndricas com quatro bocas de entrada, de um metro e meio de diâmetro, escavadas na rocha por grupos primitivos. Foram cadastradas pelo Pe. Rohr em 1979.

SC - CH - 04 - JOSÉ FIORI

Na Linha Espuma, próximo a uma sanga que desemboca no Rio Chapecó. Ocupa uma área onde há plantação de milho e soja. Foi cadastrado em 1978 pelo Pe. Rohr e a equipe da UFSC coletou mais material cerâmico. O solo é uma mistura de argila vermelha com terra escura.

SC - CH - 09 - ALCIDES MORATELLI

Na Linha Espuma, a 300 metros do Rio Chapecó. Existem vestígios de terra preta, o solo é areno-argiloso avermelhado; o sítio está próximo do SC CH 10 e do SC CH - 04. Encontraram-se um recipiente cerâmico e dois machados.

SC - CH - 10 - JOSÉ COSTENARO

Na linha Espuma, a 30 metros do Rio Chapecó, encontram-se na superfície fragmentos da cerâmica Tupi-Guarani.

SC - CH - 11 - FRANCISCO VAILONES

Na Linha Cachoeira, Beira Rio, a 80 metros do Rio Uruguai. O relevo é acidentado, outrora revestido por mata araucária, apresenta, hoje, restos de plantação de milho. Em 1979, o arado fez com que aflorassem cacos. A Prefeitura

de Chapecó, tomando conhecimento da descoberta, solicitou a colaboração da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e equipe da Prof. Goulart iniciaram os trabalhos de escavação em setembro de 1980.

- Delimitadas duas áreas arqueológicas (Mancha 1 e Mancha 2), procedeu-se a sua escavação sistemática por meio da técnica de decapagem. A área Mancha 1 pelo seu valor arqueológico foi indenizada ao seu proprietário pelo prefeito da época.

Achou-se grande quantidade de material cerâmico afiliado à cultura Tupi-Gurani. Num total de 5.185 fragmentos, 35,90% são do tipo corrugado-ungulado e 26,51% do tipo liso; os outros tipos cerâmicos apresentam uma ocorrência menor.

A espessura de maior frequência está entre 7 e 15 mm, tanto nas peças lisas como nas decoradas. Os fragmentos de maior espessura teriam sido urnas funerárias e/ou uso doméstico.

As urnas são de altura variável (de 40 cm até pouco mais de um metro). Deviam ser utilizadas para sepultamento primário (o defunto era colocado na urna após a morte) ou bem para enterramento secundário (morto era sepultado primeiro na terra e tempo depois seus ossos eram colocados na urna) de crianças e de adultos. Esta prática, "pode ter sido uma forma de satisfazer o desejo de dar aos mortos um sepultamento digno e respeitoso" ou então uma forma "de preservar os cadáveres da sua destruição imediata". Goulart, 1983, p.64.

Na época da publicação do relatório final dos trabalhos desenvolvidos no município, não se tinha datação deste sítio pelo Carbono 14. Estima-se porém, pelas datações de sítios semelhantes, que a ocupação humana nesta área deu-se aproximadamente no ano 1000 de nossa era.

Os trabalhos de escavação deste sítio deveriam prosseguir igual ao levantamento feito ao longo de todo o rio Uruguai, pois a equipe da UFSC apesar de ter recebido informações sobre a existência de outros sítios, além dos já mapeados, não os visitaram, devido a exigüidade do tempo disponível.

ANEXO - 02

GLOSSÁRIO

O presente vocabulário foi elaborado tomando, principalmente, como base o glossário apresentado por RIBEIRO(1977) e MENDES(1977).

- **Abrigo sob rocha:** Local arqueológico, formado por paredões rochosos, com uma parte projetada para fora (espécie de telhado natural) ocupados, ocasionalmente, por populações primitivas. No planalto catarinense são frequentes, em todos eles encontram-se sepultamentos.
- **Acordelado:** Técnica de confecção de cerâmica que consiste em superpor roletes de pasta de comprimento variável, em sentido circular até construir a parede do vaso. Mais de 90% da cerâmica do Sul do Brasil foi confeccionada com esta técnica.
- **Antropologia:** (Anthropus, homem; logos, estudo) Ciência que estuda o homem na sua totalidade (evolução psicossomática e cultural). A dimensão biológica do homem é estudada pela antropologia física; a dimensão sócio-cultural do homem é objeto de estudo da antropologia social e da antropologia cultural respectivamente.
- **Arqueologia:** Disciplina que se refere às técnicas de apreensão do passado da humanidade através da recuperação e classificação de seus vestígios materiais. Segundo o período da evolução humana que estuda, subdivide-se em arqueologia pré-histórica e arqueologia histórica.
- **Artefato:** Qualquer objeto manufaturado pelo homem.
- **Autóctone:** Aborígene, habitante primitivo de uma terra.
- **Camada:** Superposição de estratos, de composição natural ou artificial.

- **Camada de Ocupação:** Camada com evidências arqueológicas.
- **Carbono 14:** Ou radiocarbono isótopo radioativo do carbono comum (C-12) que se encontra nas plantas e animais numa determinada proporção. Com a morte dos organismos, essa proporção modifica-se devido à desintegração. Após 5.730 anos, a proporção cai para a metade. Determinar a proporção com o C-14 e o C-12 permite calcular a idade do material analisado. Esse método permite calcular idades até 70 mil anos com pequena margem de erro.
- **Casa Subterrânea:** Local escavado em forma de poço, com dimensões variáveis, provavelmente recoberto, que poderia ter sido utilizada como habitação.
- **Caverna:** Local arqueológico, coberto, onde a distância da boca ao fundo é maior que a altura e do que a largura. Conhecida também como gruta.
- **Cerâmica:** Recipiente artesanal feito de barro queimado.
- **Corrugado:** Tipo de decoração cerâmica em que, depois da colocação de cada rolete, este é ligado ao anterior por meio de pressões mais ou menos regulares, espaçadas, executadas com as pontas dos dedos, em sentido perpendicular ou transversal ao vaso. O corrugado ungulado é a associação de unguiações a corrugações.
- **Cultura:** Conceito que engloba coisas materiais (objetos e técnicas) e elementos imateriais (crenças, conhecimentos, aptidões, normas, valores e símbolos).
- **Decoração Plástica** É aquela que implica em modificação da superfície cerâmica. Tipos corrugado, ungulado, escovado, etc.
- **Digitado:** Tipo de decoração em que se fixam, na superfície cerâmica, as impressões das extremidades dos dedos.
- **Escavação:** Trabalho sistemático em um sítio.
- **Escovado:** Tipo de decoração cerâmica que consiste em passar um instrumento com pontas múltiplas ou áspero (sabugo de milho, por exemplo) que deixa sulcos bem visíveis nas superfícies, guardando certo paralelismo entre si.

- **Etnografia:** Estudo e descrição dos povos, sua língua, raça, religião. Disciplina integrante da etnologia.
- **Etnologia:** Estudo dos grupos humanos e sua cultura.
- **Etnologia pré-histórica:** Reconstituição da vida dos povos pré-históricos.
- **Fase:** Complexo cerâmico, lítico e de padrões de habitação, relacionados no tempo e no espaço, num ou mais sítios. A fase é uma fração da tradição. É um termo livre de conotações etnográficas, e, portanto, não implica em significação tribal ou linguística alguma. Exemplo: Fase Botucaraí de tradição Tupi-Guarani. São distintas em tempos diversos.
- **Inciso:** Tipo de decoração plástica que consiste em incisão praticada por meio da extremidade aguçada de instrumentos de diferentes formatos e dimensões.
- **Indústria:** Conjunto de artefatos, de restos materiais. Quanto ao conhecimento de uma indústria, se acrescenta o de aspectos como a arte, é lícito arqueologicamente falando, usar o termo “cultura”.
- **Mutações:** Modificações impressas num indivíduo em consequência de anormalidades ocorridas nos seus genes ou nos cromossomos de suas células e por isso tornam-se hereditárias.
- **Pasta:** Barro e antiplástico (tempero) misturado para a confecção da cerâmica.
- **Paleontologia:** Ciência que estuda restos fósseis de animais e vegetais que viveram antes dos tempos históricos. É auxiliada pela geologia e a biologia. Subdivide-se em 3 grande ramos: Paleobotânica, Paleozologia e Paleoeecologia (estuda o ambiente e hábitos de vida dos animais e vegetais pré-históricos).
- **Petróglifo:** Desenhos gravados em rocha, podendo ser coloridos ou não.
- **Pré-história:** Período anterior ao aparecimento da escrita. Na América, chega até o contato com o conquistador branco, segundo alguns autores, ou até surgimento de culturas “urbanas” (incas, astecas, etc).

- Proto-história:** História dos povos primitivos. História remota.
- Roletado:** Tipo de decoração que consiste em conservar os roletes de confecção do vasilhame, sem analisar a superfície externa.
- **Sambaquis:** Montes de detritos (conchas, outras, etc) nos quais se encontram artefatos de barro e de pedra, ossadas humanas e animais, etc; marco de civilizações primitivas que se verificam em toda zona litoral brasileira.
- **Simples:** Cerâmica sem decoração.
- Sítio-acampamento:** Local de permanência temporária.
- **Sítio-arqueológico:** Local onde se encontram vestígios de sua cultura extinta. Utiliza-se também a denominação de sítio arqueológico de campo aberto, para diferenciá-lo do abrigo sob rocha ou das cavernas.
- **Sítio-cemitério:** Local onde se encontram apenas evidências de enterramentos primários ou secundários.
- **Sítio-oficina;** Local onde foram encontradas evidências de fabricação de artefatos.
- **Tradição:** Grupo de elementos ou técnicas que se distribuem com persistência temporal. Exemplo Tupi-Guarani, Tradição Taquara, etc.
- **Ungulado:** Decoração composta por incisões produzidas pelas unhas sobre a superfície cerâmica.
- **Urna Funerária:** Vasilha utilizada para enterramento.
- **Vasilhame:** Todas as peças de recipiente de cerâmica.
- **Zoólitos:** Pedras esculpidas, preferencialmente em basalto, em forma de animal; geralmente apresenta esboço de cruz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BECK Anamaria. Arqueologia em Santa Catarina. In: **___História de Santa Catarina**. Paraná: Grafipar, 1970, v. 2.
2. _____. A variação do conteúdo cultural dos sambaquis. **Pesquisas Antropologia**. Anais do Segundo Sompósio de Arqueologia da Área do Prata, n. 18:77-87, 1968.
3. BORDES, François. **El mundo del hombre cuaternario** Madrid: Guadarrama, 1968.
4. CANALS FRAU, Salvador. **Las civilizações pré-históricas de América** Buenos Aires: Sudamericana, 1973.
5. CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. **Toldo Chimbangue**; história e luta Kaingang em Santa Catarina. Xanxerê: CIMI, 1984. 108 p.
6. D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Para uma História dos índios do Oeste Catarinense. **Cadernos do CEOM** Chapecó: v. 4, n. 6, nov. 1989.
7. DIAKOV, V & KOVALEV, S. **A sociedade primitiva** 2 ed. São Paulo: Global, 1985. 87 p.
8. GOULART, Mariland. **Projeto Arqueológico Uruguai** Levantamento e escavação de sítios arqueológicos no Município de Chapecó, Santa Catarina; Relatório. Florianópolis: UFSC, 1983.
9. GUGLIERMO, Antonio Roberto. **A pré-história: uma abordagem, ecológica**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
10. LAMING-EMPERAIRE, Annette. **La arqueologia pré-histórica** Barcelona: Martinez Roc, 1968. 1191 p.

11. MARCONI, Maria de Andrade & PRESSOTO, Zélia Maria Neves **Antropologia: uma introdução**. São Paulo: Atlas, 1985. 255 p.
12. MEGGERS, Betty J. **América Pré-histórica** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 242 p.
13. MENDES, Josué Camargo. **Paleontologia Geral** São Paulo: LTC; USP 1977.
14. NEVES, Walter Alvea. Assim caminhou a humanidade. **Ciência Hoje** Rio de Janeiro: v. 8, n. 47, p. 46-54, out. 1988.
15. PESQUISAS, antropologia. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, n. 40, 1985.
16. PESQUISAS; antropologia. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, n. 15, 1966.
17. PIAZZA, Walter F. **Santa Catarina sua história**. Florianópolis: Lunardelli, UFSC, 1983.
18. PROUS, André. **Arqueologia brasileira** Brasília: Editora UnB, 1992.
19. RAMOS, Arthur. **Introdução à antropologia brasileira** Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.
20. RESGATANDO O PASSADO. **Perspectiva Universitária** v. 14, n. 212, 6- 23, mar. 1987.
21. RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. **Manual de introdução à arqueologia** Porto Alegre: Sulina, 1977.
22. RIBEIRO, Darcy. **O processo civilizatório** Petrópolis: Vozes, 1979. 257 p.
23. ROHR, João Alfredo Pe. **Contribuições para a etnologia indígena do Estado de Santa Catarina**. Separata do volume 1 dos anais do Primeiro Congresso de História Catarinense. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1950. 120 p.

24. _____. Sítios arqueológicos de Santa Catarina. **Anais do Museu de Antropologia da UFSC**, v.16, n. 17 p.77-174, dez. 1984.
25. SANTOS, Silvio Coelho dos. **Índios e Brancos no sul do Brasil** a dramática experiência dos Xoklengs. Florianópolis: Lunardelli, 1973. 312 p.
26. SANTOS, Silvio Coelho dos. **Nova história de Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1974. 124 p.
27. SCHIMTZ, Pedro Inácio. Arqueólogos em ação na Bahia. **Ciências Hoje**. Rio de Janeiro: 8 (47): 78-80, out. 1988.
28. _____. **O índio e colonização do Rio Grande do Sul** In: VV AA, O índio no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 1975.
29. _____. La arqueologia del Nordeste argentino y del sur de Brasil en la visión del Dr. Osvaldo F. A. Menghin y de los arqueólogos posteriores. **Pesquisas**, São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, Antropologia n. 32 p. 207-223, 1981 a.
30. _____. Arqueologia do Rio Grande do Sul. **Pesquisas**. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, Antropologia nº 32: 185-205, 1981.
31. _____. & BROCHADO, José Proenza. Datos para uma sequencia cultural del estado de Rio Grande do Sul (Brasil). **Pesquisas** São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, Antropologia n. 32, p. 31- 160, 1981.
32. _____. Arqueologia de Rio Grande do Sul, Brasil. **Pesquisas**, São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, Antropologia n. 32, p. 61-183, 1981.
33. SHOBINGER, Juan. **Pré-história de Suramérica** Barcelona: Ed. Labor. 1969.
34. THOMÉ, Nilson. **Civilizações primitivas do Contestado**. Caçador: Imprensa Universal, 1981. 75 p.
35. TRIGGER, Bruce G. **Além da história os métodos da pré-história**. São Paulo: EPU, 1973.